

O coração de FH balança entre Serra e Malan

Na cotação do Palácio do Planalto, diminuem as chances de Covas e Tasso para a sucessão presidencial de 2002

Adriana Vasconcelos
e Diana Fernandes

• **BRASÍLIA.** Pedro Malan ou José Serra? Esta é a pergunta que paira hoje sobre a República e deixa no ar a dúvida sobre o nome preferido do presidente Fernando Henrique Cardoso para disputar sua sucessão. Nos últimos dias, interlocutores palacianos se convenceram de que o coração do presidente balança entre esses dois nomes. Os governadores Mário Covas e Tasso Jereissati, outras opções tucanas com quem ele tem tido dificuldades de relacionamen-

to, passaram a ser hipóteses mais remotas.

Embora já tenha decidido que terá participação ativa na eleição de 2002 e já esteja trabalhando pela reedição da aliança partidária que apóia seu governo, Fernando Henrique não vai dizer tão cedo sua preferência. Mas, nas conversas com os aliados, vai alimentando todas as possibilidades, ao gosto do interlocutor. Um auxiliar resume a tática:

— O presidente dilui as informações. Nunca fala tudo para um só, mas concentra a opinião de todos e assim vai

consolidando sua posição para o jogo sucessório de 2002.

É com seu partido, o PSDB, que Fernando Henrique mais exercita a tática diversionista. Tucanos que passaram por seu gabinete saíram com diferentes impressões.

— É óbvio que seu candidato natural é o Serra — garante um ministro.

— Não tenho dúvida de que o nome da cabeça e do coração de Fernando Henrique é Covas — diz outro tucano.

— Ele aposta na economia forte para lançar Malan — afirma um terceiro.

No Governo, o discurso oficial é de que o assunto é prematuro. Nos bastidores, contudo, o debate é intenso e os ministros Malan e Serra não conseguem mais esconder suas aspirações. E o próprio presidente acaba traindo certa inclinação por esses nomes. Malan, por exemplo, deixou de lado o discurso comedido que pautou sua atuação à frente do Ministério da Fazenda no primeiro mandato de Fernando Henrique. Ultimamente, não deixa críticas sem resposta, mesmo que elas venham de políticos experientes, como o presiden-

te do Senado, Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), ou o presidente de honra do PT, Luiz Inácio Lula da Silva. Seu problema, hoje, é ser aceito pelos partidos da base aliada, inclusive o PSDB.

— Malan teria chances de ser candidato isolado do PFL. No PSDB e no PMDB, ele não tem apoio — diz um cardeal tucano.

Mas no Planalto o ministro da Fazenda não encontra um clima tão hostil. Sua candidatura é apontada como a que melhor representaria a continuidade da administração de

Fernando Henrique.

— Malan é um trator, um beque. Apesar das pressões para derrubá-lo, desde que foi nomeado em dezembro de 94, ele permanece firme. Sobreviveu, inclusive, à desvalorização do real. É um monstro — se derama em elogios um auxiliar próximo do presidente.

Serra, diante da resistência aparente de Covas a entrar no jogo sucessório, desponta como nome preferencial do PSDB. Ele articula, desde o ano passado, a aproximação com o PMDB. Mas, no PFL, enfrenta resistências. ■

Nomes no jogo eleitoral

EM ALTA

• **JOSÉ SERRA:** Cresce por conta do discurso do mais natural dos candidatos tucanos, o governador Mário Covas, de que não será candidato. É favorecido pela situação complicada de Tasso Jereissati, amigo de Ciro Gomes. Pesquisas mostram que é o ministro mais conhecido de Fernando Henrique. Sua área, a Saúde, pode lhe dar popularidade.

• **PEDRO MALAN:** Desde que foi citado por Fernando Henrique como provável candidato em 2002, o ministro da Fazenda adotou discursos políticos. Apesar da resistência dentro do PSDB, partido ao qual não é filiado, desponta como candidato mais viável se a economia der um salto. Na primeira aparição nas pesquisas eleitorais teve 2% da preferência.

EM BAIXA

• **MÁRIO COVAS:** Diz que não é nem quer ser candidato. Além disso, a política contra a guerra fiscal entre estados afasta aliados no futuro. E hoje uma candidatura do governador de São Paulo não é a opção de Fernando Henrique.

• **TASSO JEREISSATI:** Afastado de Fernando Henrique e da política nacional, o governador do Ceará viu sua candidatura ser considerada hipótese distante ao deixar claro que não disputaria com o amigo Ciro Gomes, candidato do PPS. Seu nome é lembrado apenas pelo presidente do Senado, o petelista Antônio Carlos Magalhães.

CANDIDATOS DE ALIADOS

• **ROSEANA SARNEY (PFL):** A governadora do Maranhão está entre os governadores de melhor avaliação. No partido surgiu como opção para 2002 quando Antônio Carlos Magalhães começou a se desgastar com o Governo e a apresentar resultados poucos favoráveis nas pesquisas. Ela é o único nome do PFL que, nas pesquisas, beira a casa dos 10% na preferência dos eleitores.

• **PEDRO SIMON (PMDB):** Lançado ano passado pré-candidato do partido, o senador pelo Rio Grande do Sul tem pouca rejeição, mas só é conhecido no Sul. Seu nome poderá ser usado pelo partido em futuras composições políticas. O projeto de sua candidatura não é levado a sério dentro do próprio PMDB.

• **MICHEL TEMER (PMDB):** Presidente da Câmara, apesar da campanha pemedebista, se não for reeleita a aliança com o PSDB. É pouco conhecido fora do Centro-Sul, mas o PMDB está de olho em pesquisas qualitativas que o apontam como político sério, conciliador e responsável.

• **ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES (PFL):** Seu nome já não é lembrado nem no circuito petelista. Mas não deixa de ser presidencializável. Depois que deixar a Presidência do Senado, ano que vem, poderá entrar na disputa de 2002. Tudo dependerá de suas relações com o presidente e o Governo.